

A ILLUSTRACÃO

DIRECTOR-PROPRIETARIO : MARIANO PINA

PARIS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO : 13, QUAI VOLTAIRE

Dirigir todos os pedidos de assignaturas e números avulsos : em Portugal ao Sr. David Corazzi, 129, rua de Anáguas, Lisboa ; e no Brazil, ao Sr. José de Matos, 27, rua da Quitanda Rio de Janeiro.
Preço da annua a Paris, 1 franc.

6.º ANNO. — VOLUME VI. — N.º 13

PARIS 5 DE JULHO DE 1889

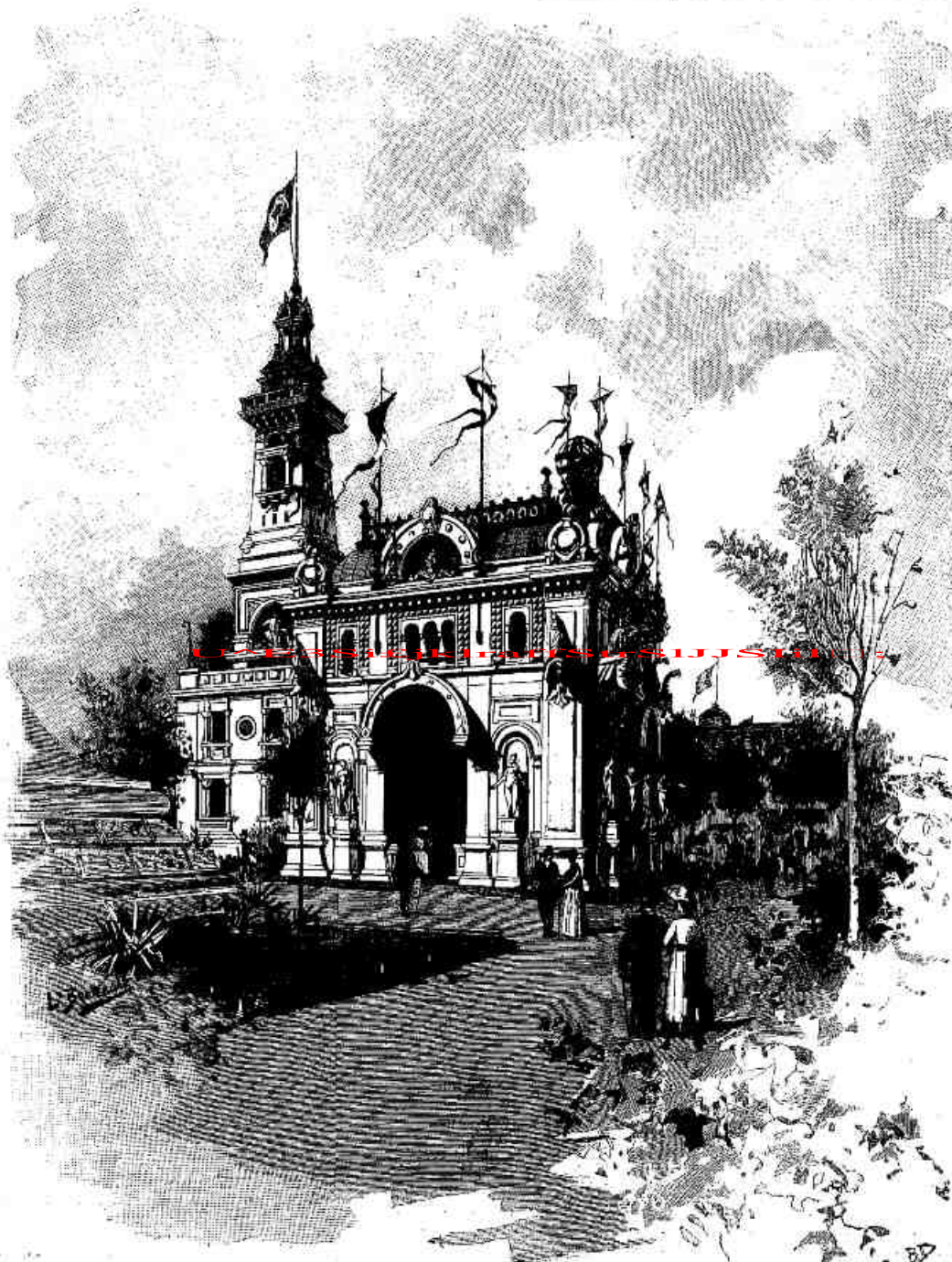
Gerente em Portugal e Brazil : DAVID CORAZZI.

RIO DE JANEIRO

JOSÉ DE MELLO, 35, RUA DA QUITANDA.

ASSIGNATURAS

ANNO INTEIRO	12.000	REB.
SEMPRE (CORTO)	6.000	REB.
ANNO (CORTO)	4.000	REB.
AVULSO	100	REB.



EXPOSITION DE PARIS. — O pavilhão do Brazil, no Campo de Marte.



CHRONICA

A TORRE EIFFEL

N'ESTE momento a nova sensação — a grande sensação do século — é subir á torre Eiffel.

Não ha parisiense, nem provincia-no, que não tenha marcado no seu *carte* o dia em que ha de contemplar a humanidade, do alto d'esses 300 metros. Affirmam os jornaes que a America do Norte se está despovoando, por que todos os americanos querem subir á torre. Os estrangeiros só pensam n'ello, ao prepararem as suas malas para a peregrinação a Paris. E o principe de Gales, apenas desembarcou em pleno *boulevard*, o seu primeiro cuidado foi conduzir a esposa e seus filhos ao Campo de Marte, mettel-os nos ascensores, e transportal-os ao topo da torre, para verem Paris, e tudo o mais que lá do alto se abranje, n'um raio de noventa kilometros.

Já ninguém diz: — « Ver Napoles, e depois morrer. » A phrase tem de ser alterada d'este modo:

— « Subir á torre e depois suicidar-se!... »

A' hora em que lhes escrevo ainda não pratiquei a satisfação de me suicidar; — mas já subi á torre como toda a gente, para experimentar, esta nova sensação com que o sr. Eiffel acaba de brindar o genero humano.

Devo dizer-lhes da passagem, que o illustre engenheiro já nos deu, a nós portuguezes, sensação mais extraordinaria, quando construiu a famosa ponte Maria Pia, sobre o Douro. O que sente o *touriste* quando sobe á torre, é nada comparado com o que sente o individuo que pela primeira vez, dentro d'um wagon, atravessa o Douro sobre a ponte Maria Pia, a caminho do Porto.

Sobre a ponte, tem-se a extraordinaria impressão de que, cada viajante, depõe por alguns segundos a sua querida existencia nas mãos do sr. Eiffel. Ao meio da ponte, quem olha para baixo, para o rio e para os lados, para os pilares onde o grande arco assenta, comprehende que a sua vida está n'aquelle momento absolutamente dependente dos calculos do engenheiro. Em nenhuma outra ponte da Europa a impressão de perigo, de arrojo, de audacia e de maravilha de calculo, tanto nos impressiona e nos commove, como aqui...

Emquanto que a torre não nos offerece essa terrivel e ao mesmo tempo deliciosa sensação de perigo; em nenhum momento nos deixa suspensos de espanto e de terror intimo; é não obstante ser o colosso que, visto ao pé, e vista interiormente, parece-nos uma obra naturalissima, ficando-se apenas pasmado de que ha mais tempo ainda ninguém tivesse pensado construir um tão mediocre prodigio.

Dizem os entendidos que é esta uma das suas bellezas — ter sido tão bem delineada, que ao perto a sua construção muito pouco nos assombra. Mas saiam de Paris; vão ás alturas de Surennes, ou ás alturas de Saint-Germain; voltam-se para os lados do Arco do Triumpho; e verão então o monstro dominando o horizonte rasgando os ares, perdendo-se entre as nuvens

como se fôra a ressurreição da legendaria torre de Babel, tal qual a vemos nas velhas gravuras do tempo de Alberto Durer.

É a uns dez ou vinte kilometros de Paris que é preciso vel-a, para então se avallar o arrojo d'uma tal construção. Como só aquelles que a viram sair dos alicerces, chegar á primeira, á segunda, e á terceira plataforma, é que podem dizer que prodigios de habilidade executou o engenheiro, cujo nome se acha hoje tão espalhado pelo mundo, como o nome de Napoleão, de Victor Hugo ou de Bismarck...

Ainda não posso esquecer a curiosidade com que Paris seguiu durante o anno de 1888 os progressos da torre Eiffel, — para não fallar na sensação que causou no publico parisiense em 1887 o fumoso protesto dos artistas, contra semelhante construção que tinha por fim americanisar Paris, o Paris das gloriosas tradições da Arte, protesto que trazia entre outras, as assignaturas de Melissonier, Dumas, Gounod, Coppée, etc.

O anno de 1887 e parte de 88 passou-se com os trabalhos dos alicerces e dos pilares. Quando a construção chegou á primeira plataforma (60 metros de altura) toda a gente applaudia o protesto dos artistas, ao qual só não deu ouvidos o sr. Eduardo Lockroy, então ministro do commercio. Toda a gente achava a construção horrorosa, indigna d'uma cidade como Paris, que conta Notre-Dame, Sainte-Chapelle, a torre de Saint-Jacques, Panthéon, Invalidos, Louvre e Arco de Triumpho. Toda a gente accusava o sr. Lockroy de permitir que se profanasse Paris com semelhante brutalidade de ferro!

Quando a torre chegou á segunda plataforma (150 metros de altura) deixando a perder de vista os mais elevados monumentos da Europa, e começando já a indicar a elegancia e a simplicidade das suas curvas, — os commentarios foram de outra natureza. Que até ali, bem tinha ido a obra; mas d'alli para cima é que começariam as difficuldades. Começaria a haver erros de calculo; a sentir-se a impossibilidade d'uma precisão mathematica nas peças que se deviam collocar umas sobre as outras; e a não se encontrar operarios que pudessem trabalhar áquella altura. E chegaram-se a fazer apostas em como a torre não sttingiria mesmo 200 metros. A isto, veio juntar-se a greve dos operarios que trabalhavam lá no alto. Suspenderam-se os trabalhos durante uma semana. E como por toda a parte ha gente cujo prazer consiste em ver fallir ou naufragar aquelles que teem grandes idéas e grandes concepções, — não faltou quem em Paris batesse as palmas diante da perspectiva d'um fiasco!...

Mas a torre lá foi subindo, subindo; e no dia 30 de março de 1889 attingia os annuncios dos 300 metros de altura, tendo consumido a bagatella de sete milhões e trezentos mil kilogrammas de ferro!...

Em cada um dos quatro pilares da torre ha ascensores para o primeiro e segundo andar. Do segundo para o terceiro andar ha um só ascensor vertical.

Os ascensores que partem do rez-do-chão teem dois andares, — duas caixas sobrepostas, com janelas, tendo rede de arame em vez de vidros, e as portas sempre fechadas á chave, como nas catruagens cellulares...

O primeiro arranco da machina hydraulica que põe em movimento os elevadores, causa uma tal ou qual desconfiança entre os passageiros. Todos se olham com certa duvida; ha sorrisos amarellos entre os mais medrosos; e todos se calam, como que para dizerem intimamente: — « Aqui vamos, por obra e graça de Eiffel. Seja feita a sua vontade. Amen! »

De pois, um passageiro mais ousado espreita pela rede de arame; depois outro, e mais outro... As mulheres tambem se approximam para verem « como aquillo é ». — O ascensor sobe por entre uma delicada e complicadissima tela de ferro, como se fôra uma rede feita por creanças... creanças do palz dos gigantes, por onde andou o bom Gulliver, antes da sua viagem ao palz dos pygmeus. Passou-se o 1.º andar: estamos a 100 metros de altura; lá em baixo os monstruosos palacios do Campo de Marte parecem construções de cartão, feitas por creanças... E o que é aquelle formigueiro que se arrasta e se alastra por todas as ruas dos jardins, pelas caes, pelas pontes?... Será possível?... Será a famosa Humanidade, será gente, serão individuos como nós, aquillo que lá por baixo se move!...

Chegamos ao 2.º andar, — 150 metros de altura. Saímos do caixote, pomos pé em terra firme, ou antes... em terra firme. Parece que estamos no vasto terraço d'um palacio. E gente por toda a parte! Sem contar tres kiosques de jornaes e bedidas; uma pastellaria e padaria; um *cabinet-toilette*; e a redacção e a typographia do *Figaro*... Tudo isto — a 150 metros de altura!

E lá de cima todo o Campo de Marte nos parece um brinquedo de *habies*, — com os seus palaciosinhos para bonecas de palmo, com pavilhões onde só poderão entrar bonecos de chumbo, e pedaços de relva onde só poderão pascar d'estas ovelhinhas de madeira que se compram ás caixas de ducia para dar de presente aos pequenitos!...

O 1.º andar é que é verdadeiramente assombroso, com a vastidão das suas galerias exteriores, tão largas como os passeios do Chiado, todas bordadas de kiosques; com a immensidade dos seus restaurants e cervejarias, tão vastos, tão espaçosos, como qualquer restaurant de grandes boulevards.

Todos os dias, á hora do almoço e do jantar, não se encontra uma meza livre, porque todas foram marcadas com antecedencia. É um verdadeiro prazer, depois do café, é acender um charuto, e de lá do alto contemplar Paris, e principalmente a multidão humana que se arrasta como um formigueiro por todo o Campo de Marte e suas dependencias.

Ha dias, n'um d'estes abandonos de philosopho, fui eu encontrar Marçal Pacheco, — charutando, tranquillo e mudo, feliz por su ver lá em cima, triste por pensar que havia de voltar cá para baixo!...

E depois de varias considerações e de varias lamentações, só proprias de quem está a 100 metros acima do nivel do sr. visconde de Melico, — acabamos por convir em que uma ascensão á torre Eiffel é mais proveitosa ao Homem, como lição de sabedoria humana, do que toda a philosophia que se possa aprender na faculdade de Coimbra.

E dizia-me Marçal Pacheco:

— Se nós mesmos d'aqui onde estamos, já nos vemos tão pequenos e tão ridiculos... como é que nos verá o bom do Padre Eterno?!

E ficámos invejando o Padre Eterno, se por acaso elle tem olhos para ver as nossas vaidades e ouvidos para ouvir as coisas comicas que a Humanidade muito a sério atira diariamente aos ventos.

Sem contar que nos démos *rendez-vous* para a primeira torre de 3.000 metros, que d'aqui a pouco ha-de pôr a um canto a torre Eiffel!...

MARIANO PINA



AS NOSSAS GRAVURAS

Por absoluta falta d'espaco, não podemos publicar no presente numero as gravuras representando os trabalhos do « Salon » dos distinctos artistas portuguezes SALGADO e TEIXEIRA LOPES. Sahirão no proximo numero.

EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE PARIS. — O PAVILHÃO DO BRAZIL.

REALISOU-SE no dia 14 de junho findo a abertura solenne do pavilhão do Brazil, no Campo de Marte, proximo da torre Eiffel.

Quando se abriu em Paris o concurso de architectos para a construcção d'esse pavilhão, a ILUSTRAÇÃO foi o unico jornal que n'essa occasião mostrou ao publico brasileiro uma gravura do projecto que havia sido classificado em primeiro lugar, e que trazia a assignatura do distincto architecto francez M. Dauvergne.

O ponto do concurso era deveras difficil, apesar de dar toda a latitude aos artistas. Diziam assim: « Os concorrentes tem plena liberdade para dar as suas composições o caracter architectural que julgarem dever convir a um edificio que é destinado a exposição dos productos naturaes d'um imperio latino e americano, particularmente rico em materias primas d'origem mineral e vegetal. »

O problema era deveras delicado; mas o sr. Dauvergne resolveu-o com grande intelligencia e verdadeiro bom gosto, construindo um pavilhão elegantissimo, inspirado das architecturas peninsulares, contornado como um Trianon do estylo Luis XV, onde se reconhece a emphase architectural dos paizes do sol.

No nosso excellento collega L'Amérique, um novo hebdomadario que se publica em Paris para defender na Europa os interesses do Brazil, e que é superiormente redigido pelo nosso distincto collega Sant'Anna Nery, — encontramos preciosos apontamentos acerca do pavilhão brasileiro, que passamos a traduzir:

A exposição do imperio do Brazil no Campo de Marte estende-se sobre uma superficie de 3.500 metros de terreno. Compreheende um pavilhão principal, uma torre monumental, uma galeria que liga e põe em communicação estes dois edificios, e um pequeno pavilhão annexo, chamado pavilhão de provas. Todas estas construcções são rodeadas de jardins e de plantações. Trez porticos sobrepostos pela bandeira brasileira dão accesso ás diversas entradas dos jardins.

O pavilhão principal que a nossa gravura reproduz, occupa uma superficie coberta de 400 metros comprehendendo trez andares.

O pavilhão compõe-se de rez-d'chaço e de dois andares e d'uma torre; havendo do chão ao extremo da torre uma altura de cerca de 40 metros. O pavilhão é de ferro, madeira e tijolo.

A ornamentação exterior do pavilhão compõe-se d'um grande numero de motivos d'esculptura em staff. Sois grandes estatuas representam, com os seus attributos, os principaes rios do Brazil: São — o rio Tieté, o rio Tocantins, o rio Paraná, o rio Amazonas, o rio São Francisco e o rio Parahyba.

A galeria que liga o pavilhão principal á torre, é uma ligeira construcção de ferro, destacando-se sobre um fundo de verdura. Do primeiro andar do pavilhão tambem se pode ir para o terraço, que é formado pelo tecto d'esta galeria.

A torre compõe-se d'um pavilhão octogonal e de trez nichos cobertos por uma cupula. É toda de ferro e inteiramente envidraçada.

O pequeno pavilhão para provas de café, é todo de madeira, com ornatos de staff.

E no lago está-se desenvolvendo o mais bello specimen que se possa trazer para a Europa da celebre Victoria regina do Amazonas. Esta planta

tão se pode desenvolver n'uma agua que tenha uma temperatura nunca inferior a 30 graus de calor.

O pavilhão e os annexos são illuminados a luz electrica.

O conjunto da exposição brasileira é dos mais curiosos e dos mais brilhantes de todas as exposições da America, no Campo de Marte. E' por isso que o Brazil não deve regatear applausos a todos aquellos que tão patrioticamente collaboraram n'esta obra digna de todos os elogios.

A commissão brasileira organisadora da exposição é presidida por S. Ex. o sr. Visconde de Cavalcanti, senador do imperio, e composta dos seguintes cavalheiros: — Eduardo da Silva Prado, um dos membros mais distinctos da colonia brasileira de Paris, um escriptor de grande talento e de muito estudo, que tem publicado nos jornaes do imperio interessantes artigos de critica e de viagens; F. de Sant'Anna Nery, o nosso collega do jornal L'Amérique; Amédée Prince, o director da importantissima agencia de publicidade para os jornaes da America do Sul, e que é o secretario geral da commissão; E. Lourdelet; E. Pector; G. Pra, thesoureiro; barão d'Albuquerque; Eduardo Ferreira Carcoto, addido á legação do Brazil; Rodolpho de Souza Dantas, membro do conselho do Imperador; barão da Estrella; Raymond Benoist d'Elveaud, socio da casa Amédée Prince et Cie; visconde de Figueiredo, director do Banco Internacional do Brazil; Adolpho Kingelhoefer; Manuel Augusto Teixeira, engenheiro, secretario da commissão do ministerio das obras publicas na Europa, etc.

Além d'esta commissão, o sr. Visconde de Cavalcanti teve a excellentes ideia de organizar uma commissão d'estudos, tendo por fim estudar dentro da Exposição de Paris tudo quanto possa ter uma qualquer utilidade para o Brazil, e escrever sobre cada assumpto relatorios que serão publicados e espalhados por todo o imperio.

Essa commissão d'estudos sob a presidencia do sr. Visconde de Cavalcanti, é composta dos seguintes senhores: Barão de Telfe, engenheiro Fernandes Pinheiro; Eduardo da Silva Prado; F. de Sant'Anna Nery; Domicio da Gama, um distincto collaborador e correspondente da Gazeta de Noticias; Julio Bulla; Ladislao Netto; barão de Saboia; os capitães da marinha Alves Barboza e Huet Baccalar; barão de Maranhão; general de divisão Moraes Ancora; Porthilo Bentes; coronel Luz; doutores Sá Valle, Souza Leite; Augusto Duprat; engenheiro Arthur Alvim; tenentes de marinha Lemos Castro e Silva Lima; dr. Pires Garcia; Argollo Ferrão, nosso collega do Brasil, etc., etc.

Quasi todos os membros d'esta importante Commissão tambem representam o Brazil nos differentes congressos que se realizam em Paris durante a Exposição.

Das vinte provincias do Brazil — acham-se quatorze largamente representadas na Exposição. São as provincias do Amazonas, Pará, Ceará, Parahyba, Pernambuco, Lagoas, Bahia, Espirito-Santo, Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Geraes, Paraná, Santa Catharina, e Rio Grande do Sul.

Amazonas e Pará expõem magnificas amostras de borraça e de madeiras; Ceará, algodões, café-se borraça; Parahyba, madeiras; Pernambuco, assucar, algodões e agua ardente; Bahia, tabaco, assucar de canna, café e algodões; Espirito-Santo, assucar, tapioca e café; Rio de Janeiro, uma magnifica collecção de cafés; São-Paulo, cafés, etc.

Como vêem por esta rapida e insignificante enumeração, a exposição do Brazil no Campo de Marte é importantissima, e faz a maior honra ao imperio, e a todos quantos collaboraram n'esta bella obra.

A ILUSTRAÇÃO não tem mais do que applaudir com enthusiasmo todos quantos soberbar honraram o nome do Brazil em Paris, levando por diante o com brilhante exito, uma empresa que a principio tão difficil se afigurava, e na qual parecia haver tão poucos crentes.

Hoje o imperio pode orgulhar-se do seu pavilhão, que é uma das mais elegantes construcções que avizinham a torre Eiffel.

O BUFFALO-BILL — O COMBATE ENTRE OS COWBOYS E OS INDIOS

Eis o grande assumpto de Paris.

Toda a cidade desfila n'este momento e vai desfilir durante mezes a seguir todas as noites, no

Circo Americano de Neuilly em frente da curiosa exhibição dos Pelles Vermelhas e dos seus grandes exercicios, da caça aos cavallos selvagens e aos buffalos, executada pelos cowboys, dirigidos pelo famoso coronel Cody, — o homem mais popular dos Estados-Unidos e da Inglaterra, o amigo intimo do principe de Gales.

Buffalo-Bill, inundou Paris de cartazes; — um verdadeiro reclame á americano.

A sua companhia, composta de 300 pessoas e mais de 400 animaes, veio n'um paquete fretado pelo director da troupe até França. No Havre, banqueiros ou todos os jornalistas, pagou-lhes a viagem, mandou fazer expressamente em Paris um circo de ferro — só para a sua companhia, — illuminou tudo a luz electrica, e ao fundo do circo que é ao ar livre como uma praça de touros, arranjou uma vista monumental das celebres montanhas do Este dos Estados Unidos, onde os pelles vermelhas atacam as diligencias.

O coronel Cody, não podia deixar de gastar em tudo isto, incluindo reclames e artigos pagos nos jornaes, nada menos — que um milhão!

O espectáculo a que assistimos é o mais bello que temos visto n'estes ultimos annos em Paris, e onde costudo apparecem coisas bem extraordinarias.

No circo ou hippodromo, cabem á vontade cerca de 25.000 pessoas.

A nossa gravura representa um curiosissimo espectáculo que se vê todas as noites e todas as tardes no Circo de Neuilly:

Os cowboys atacados por uma tribu d'indianos defendem-se a tiro e apanham mesmo muitos selvagens a laço. Os indians, todos autenticos pelles vermelhas das fronteiras dos Estados-Unidos são muito admirados; em especial na lucta entre os cowboys.

Mas o espectáculo do Buffalo-Bill não consta apenas d'esses combates entre mexicanos e selvagens. Ha no começo uma revista de todas as tribus — o que é deveras interessantissimo. E depois temos ainda os tiros ás bolas de vidro que dois habéis atiradores partem no ar, com uma carabina de dois canos. O coronel Cody faz o mesmo exercicio de tiro, mas correndo á desfilada sobre um cavallo em pellos. A caça ao buffalo selvagem é tambem muito curiosa e produz uma sensação igual a uma corrida de touros.

O Buffalo-Bill — o famoso americano tão popular hoje no velho e no novo mundo, é um dos heroes legendarios da ultima guerra dos Estados-Unidos. O seu typo d'aventureiro, cabeça soberba e atrevida; alto e de cabellos largos pelas costas abaixo — agrada bastante ás damas hystericas de Paris e Londres.

EXPOSIÇÃO UNIVERSAL. HISTORIA DA HABITAÇÃO HUMANA.

(Continuação do ultimo numero da Illustração.)

No nosso numero de hoje da ILUSTRAÇÃO, continuamos com a serie das gravuras sobre a Historia da habitação humana.

Apresentamos hoje uma casa escandinava do seculo XIV, dois typos da caça dos seculos XI, XIV e XVI; a casa byzantina do tempo de Justiniano; a habitação slava durante o seculo XIII; e uma casa russa do seculo XV.

Todas estas preciosidades d'arte architectonica merecem a nossa attenção demorada, cada casa tem uma longa historia onde se envolvem os periodos mais brilhantes da humanidade. Mas as duas casas mais dignas d'estudo e apreço são a casa byzantina e as habitações slavas.

Diante da nós surge como n'um sonho d'opio a epocha dos refinamentos de Justiniano, e depois entramos na casa russa onde está installada uma distillaria d'essencia de rosas deformos e poetico valle de Keranlik.

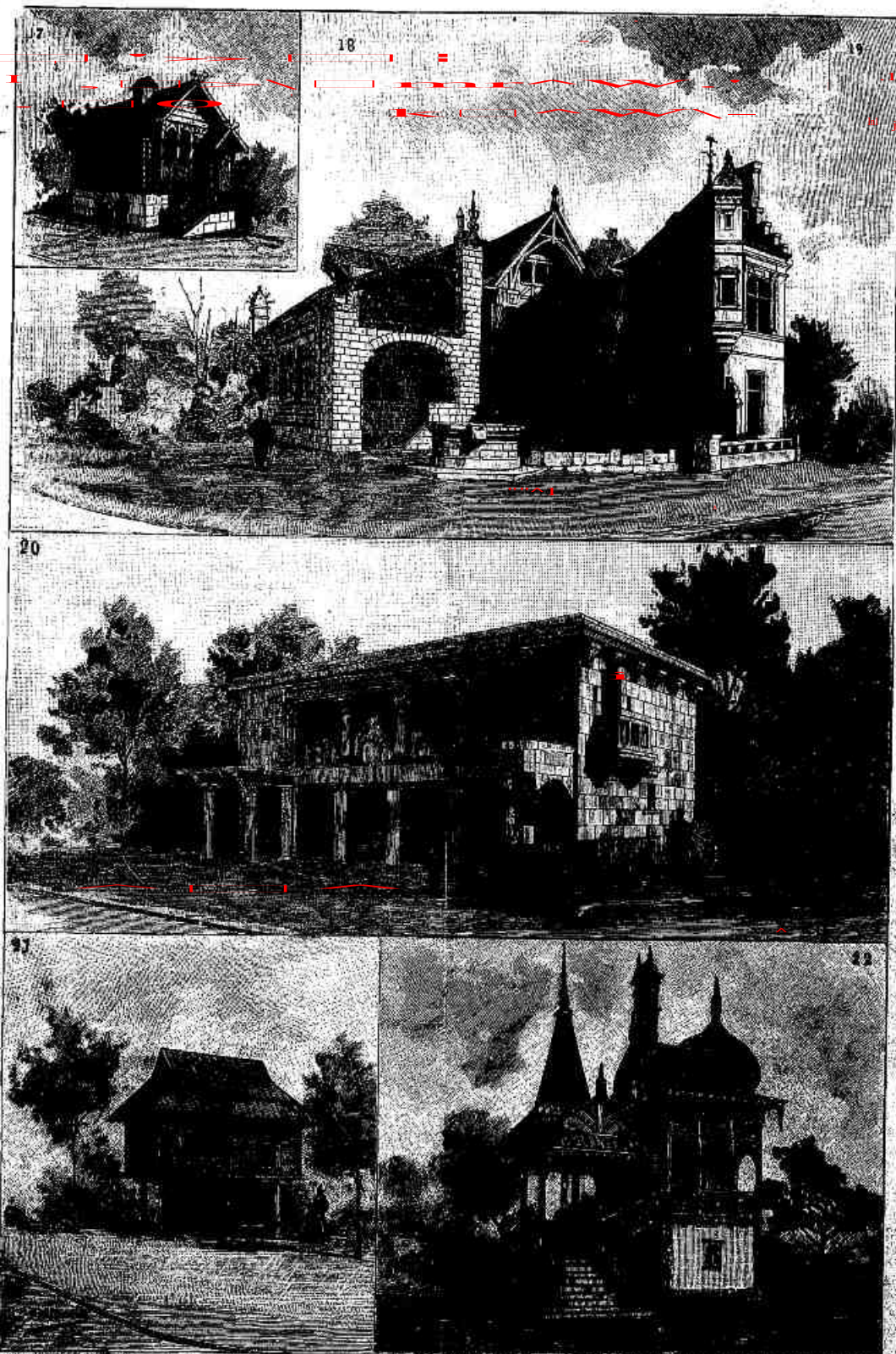
A exposição da habitação humana é sem duvida uma das mais bellas curiosidades da Exposição Universal, — um dos trechos mais largamente elogiados do Campo de Marte.

EXPOSIÇÃO DE PARIS. — AS GRANDES ILLUMINAÇÕES DO CAMPO DE MARTE E DO TROCADERO.

O nosso director Mariano Pina, n'uma das suas ultimas chronicas, descreve aos leitores da ILUSTRAÇÃO o prodigioso aspecto de Paris, — do Campo de Marte, do rio Sena e do Trocadero — n'uma d'estas noites d'illuminação, como agora se tem



EXPOSIÇÃO DE PARIS. — BUFFALO BILL'S COMPANY. — UM COMBATE ENTRE OS COWBOYS E OS INDIOS.



17. Casa singular (séc. XIV). — 18 e 19. Casa dos séculos XI, XIV e XV. — 20. Casa dos séculos XI, XIV e XV. — 21. Habitação do século XIII. — 22. Casa do século XV.

EXPOSIÇÃO DE PARIS — A HISTÓRIA DA HABITAÇÃO HUMANA.

Contribuição do Museu de História Natural.

repetido, iluminação a luz electrica, e gaz e a gior-no, e sobre a qual domina a torre Eiffel, com o seu immenso foco de luz que se estende por toda a cidade.

É o phantastico aspecto d'uma d'essas extraordinarias illuminações, que a nossa gravura procura hoje representar.

Apesar do lapis ser insufficiente perante uma tal maravilha e um tal deslumbramento, que só podem ser comprehendidos por aquelles que assistiram a tão assombroso espectáculo, — ainda assim procuramos dar uma ideia vaga do que são essas festas, aquelles que não podem ter a ventura de vir este anno a Paris. Sirva-lhes de alívio e de companhia de desgraça, a nossa illustração...

O nosso desenhador escolheu para ponto de observação, o terrao do ministerio dos negocios estrangeiros, proximo da entrada da Exposição do lado da Esplanada dos Invalidos, entada que se vê á direita, no primeiro plano da nossa gravura.

Ao fundo, á esquerda, o grande zimbório central do Campo do Marte; e mais para a direita, os dois zimbórios do Palacio das Bellas Artes e do palacio das Artes Liberaes. Em seguida, a torre Eiffel; em frente da torre, o palacio do Trocadero, e corta o quadro, á direita, o Sena, com as pontes illuminadas, e os barcos ornados de balões venezianos.

Essas illuminações tem produzido grande sensação entre parisienses e estrangeiros. E o effeito da torre Eiffel, cobrindo Paris de raios de luz electrica, tem deixado boquiabertos todos quantos vêm a torre de perto e de longe, — porque de todos os pontos, ou de dentro ou de fora de Paris, ella é maravilhosa d'audacia e de simplicidade.

Parece-nos que esta gravura está destinada a ser vista com muita curiosidade pelos nossos leitores, — e que elles nos hão de fazer justiça de que a illustração se não poupa a sacrificios para offerecer ao publico luso-brasileiro uma revista á altura das primeiras de Paris e de Londres.

AS BODAS DE PRATA DOS CONDES DE PARIS

Foi no dia 30 de maio que a cerimonia religiosa das bodas de prata dos condes de Paris se celebrou, ha nove horas da manhã, na igreja catholica de Kingston, sobre o Tamisa.

Esta tocante cerimonia fez com que se reunissem em torno dos illustres esposos, pais da sua. Duquesa de Bragança, muitas das pessoas que tinham assistido ao casamento celebrado ha vinte e cinco annos, na mesma igreja, nos pés do mesmo altar! Ha vinte e cinco annos no exilio, victimas da perseguição imperialista. Hoje de novo exilio, victimas da perseguição dos jacobinos da terceira Republica!...

A cerimonia foi muito simples.

O serviço religioso consistiu n'uma missa, que não durou mais hora; e foi dita pelo mesmo abbade Morely, o venerando sacerdote que outrora dera a benção nupcial aos augustos esposos.

Houve depois um almoço intimo em Sheen-House. E em seguida um garden-party, durante o qual o conde e a condessa de Paris receberam as felicitações não só da alta sociedade inglesa, mas dos francezes que foram expressamente de França levar-lhes as felicitações do seu grande partido politico.

O principe e a princesa de Galles, acompanhados de seus filhos e d'outros membros da familia real inglesa vieram cumprimentar os augustos esposos.

E n'esta festa estava representado o corpo diplomatico pelos embaixadores e ministros dos soberanos ligados pelo sangue á casa de França. Portugal achava-se representado pelo nosso ministro em Londres, Sr. Ex. o sr. Dantas.

Os condes de Paris acham-se hoje tão ligados com Portugal, que tudo quanto lhes diga respeito deve ser visto com interesse por todos quantos leem a Illustração.

EXPOSIÇÃO UNIVERSAL. — INDÍAS NEERLÂNDÉZAS. — O KAMPONG JAVANEZ

Uma das curiosidades não somente da Exposição hollandesa, mas de toda a Exposição, é sem duvida alguma a aldeia (Kampung) javanesa que se encontra no fundo da Esplanada dos Invalidos.

Esta exposição particular foi organizada por Mr. Bernard que habita ha 18 annos Java; e sob a direcção intelligente d'este artista e sabio ethnographo a obra exposta não pode ser mais excellente.

Foi elle quem fez construir toda a aldeia, ajuntando-lhe algumas construcções indiana que lhe

pareceram mais caracteristicas e o Kampung foi de pois povoado com cerca de 60 pessoas, indigenas das montanhas de Pranger, nas Indias Neerlandesas. É um trecho da vida de 21 milhões de javanezes.

O aspecto que apresenta esta curiosa aldeia é extraordinario!

Vemos logo ao começo a casa do Chefe, construida como todas as outras em bambu e cercada de modo que possa estar ao abrigo dos ataques das feras. Installou-se ali o restaurante onde podemos provar os productos d'aquellas regiões e os licores que nos são servidos por malaios vestidos de fato claro.

Um pouco mais alem temos uma casa ordinaria onde vemos alguns chapelheiros tecer largos e magnificos chapaus tambem em bambu; e depois a cozinha onde uma velha javaneza está cozendo arroz.

E por toda a aldeia cruzam-se os chinezes e os malaios. As mulheres javanezas tecer uma pequena bate, debaixo da qual se desenhavam soberbas formas, e trazem o cabelo e a pelle unctados com um oleo especial.

Mas a verdadeira maravilha de toda aquella aglomeração exotica é o theatro onde a orchestra composta de xylophones, de carrilhões de sinos e d'um violoncello primitivo, faz dansar as bailladeiras, authenticas bayaderes que sepeleideram obter com enorme trabalho do Principe do Pranger. Foi necessario empregar a força para arrancar aquellas quatro coroas que se veem no primeiro plano da nossa gravura, do haem onde o principe as tinha.

Todas ellas são muito novas, verdadeira mostra d'uma civilização desconhecida, e apparecem-nos cobertas de joias, vestidas d'esteios preciosos, de cores vivas e uma aureola de plumas em volta da cabeça. Dansam dolentemente, quasi como adivinhos do ventre das mulheres arabes, ao som d'arias melancolicas.

A ILUSTRAÇÃO

E A EXPOSIÇÃO DE PARIS

Devemos prevenir o publico de que nos é inteiramente impossivel fazer uma nova edição dos poucos numeros que restam á venda nas livrarias de Portugal e do Brazil.

A extraordinaria procura que tem tido a Illustração desde que começou a publicar todas as maravilhas da Exposição de Paris, — obrigou-nos a augmentar de varios milheiros de exemplares a nossa tiragem ordinaria. Mas o que não podemos, é fazer a recomposição de novos numeros, porque isso nos arrastaria a despesas enormissimas.

Pontanto só restará para venda os numeros que estãem em poder dos srs. livreiros; e estes devem-se dirigir quanto antes aos nossos agentes geraes, no caso de ainda precisarem de mais alguns numeros da Illustração.

A nossa grande gravura representando uma vista geral da Exposição, obteve grande successo; e de Lisboa acabam de nos escrever para nos dizer que successo igual acoithou a ultima grande gravura, representando no seu conjunto e nos seus detalhes a Exposição COLONIAL.

Num dos proximos numeros da Illustração vamos publicar outras gravuras não menos interessantes que as antecedentes. Representarão:

VISTAS DIVERSAS DA BASTILHA

d'esta famosa reconstituição da antiga Bastilha do tempo de Luis XVI, e que constitue uma das curiosidades da Exposição de Paris.

D'este modo os nossos leitores excusam de dar-se ao incommodo d'uma viagem até Paris. Basta-lhes a Illustração para verem tudo quanto aqui se passa!



AS TORRES DO SILENCIO

(Phantasia oriental.)

ESTANDO Amir a cuidar das suas flores, no jardim, que dominava o panorama immenso da cidade cosmopolita, estava a vista da costa occidental da India representando o mais famoso emporio que o genio comprehendedor de uma raça soube levantar com os elementos collaboradores de todas as nacionalidades, via, a formosa parte, approximar-se n'um vôo hesitante e incerto, uma grande ave escura, de pescoço estendido, movimentos de azas lasso e demorados, n'um gemer surdo que enchia de notas dolentes a tranquillidade luminosa do espaço.

É alguma ave ferida do caçador, pensou ella condoida. Mas, ao vel-a approximar-se com effeito reconheceu um abutre, e grande foi a sua surpresa.

Palcava ella agora precisamente sobre a sua cabeça; tentava o derradeiro esforço para continuar avante; mas evidentemente as forças faltavam-lhe e, librando-se no espaço, por instantes, deixou-se cair aos pés de Amir sobre um tufo de plantas relvasas, de azas abertas, o olhar agonizante, a cabeça pendida para o chão. Vinha coberta de sangue, com as pennas arrancadas, as carnes aos farrapos.

Amir gritou pela sua criada moura, que, correndo assustada por julgar em perigo a flor querida que de pequeninha criara e que adorava sobre todas as cousas neste mundo, a veio encontrar curvada sobre o corpo do animal, entornando-lhe em cima, aos pequenos factos, agua que fora buscar ao proximo lago do jardim, tendo feito como que uma concha vegetal da folha larga e verde de uma bananeira.

E a moura explicou á menina, que tão admirada se mostrava, que aquella viera evidentemente alli para fugida das Torres do Silencio.

E apontava, no extremo do panorama que deante dos seus olhos se desenrolava, as seis grandes torres silenciosas, no alto de uma collina, emergindo de um tufo de palmeiras e arvores frondosas.

As torres do Silencio são o que, impropriamente, se chama o cemiterio dos parais, o local funebre onde elles entregam os cadaveres de seus mortos, não á acção da terra, que converte o humano corpo n'um pasto infecto e informe para devorar; não á acção do fogo, elemento sagrado, objecto da sua adoração, segundo a formosissima tradição ghebra; mas á voracidade insaziavel das aves, que rapidamente transformam em elementos da própria vida os despojos de quem fica, por essa forma, a viver, na vida d'esses tantos seres incumbidos de roubar á corrupção fatal, os nervos, o sangue, a carne dos que foram tão amados e estremeicidos na terra.

Das Torres do Silencio viera de facto, foragida e acoitada a pobre ave, que, depois de uma lucta encarnicada, contra as prepotencias das companheiras, (visto que até entre as aves as ha, e bem cruas as vens) appellou para a fuga, querendo a sua sorte que viesse cair exanimado e sem alento, sob a protecção caridosa da gentil paraisa, tão cheia de generosas sentimenos, quanto de belleza e formosura.

Momentos depois, sentia-se reanimada; Amir ungira-a de remedios e com as suas mãos a havia aconchegado a um canto dos seus aposentos, satisfeito de haver concorrido para aquella verdadeira resurreição.

No dia seguinte, quando, pela manhã, ella propria fol levar ao seu doente a refeição matutina, encontrou-o já de pé, caminhando a passos lentos á busca de sabida; abriu-lhe a porta do jardim e vio-o erguer o vó e posar na primeira arvore do parque, com o aspecto satisfeito de quem se certificava de possuir de facto a liberdade. Ali permaneceu, porém quieto e silencioso. Amír mandou-lhe pôr de comer junto á arvore e seguiu-lhe durante o dia, com curiosidade, os movimentos.

O abutre esvoaçou de arvore em arvore, percorreu o vasto parque, veio abaixo comer, desdentou-se no lago, esgaravou na terra, e á noite buscou o poiso conchegado da vespera.

Amír procurou afagá-lo, chamá-lo a si, dar-lhe alimento com a propria mão, e tudo conseguiu sem o menor esforço.

Passou a ave a ser hospede effectivo da casa. Era tocante a confiança que elle adquirira, e havia como que uma pontinha de malícia na insistencia com que, de madrugada, á luz bruxuleante da lampada mourisca, suspensa da parede, elle penetrava de manso, no quarto onde Amír dormia, se aproximava do leito, e, de pescoço erguido, se quedava a contemplar o rosto angelical e sereno da sua protectora.

A' noctivaga e maliciosa ave não causava admiração nenhuma as sumptuosidades da perfumada alcova, onde o sandalo e o ambar punham no ambiente aromas estonteadores, e onde produziam a impressão de um verdadeiro sonho oriental as sumptuosidades do leito de laca, de bellas columnas torneadas, os cortinados de seda da Persia, as felpudas tapeçarias de Cachemir, os ricos vasos do Japão; sobre os bafetes os bronzes cinzelados de Nepal, de Moradabad, as lacas de Karnul; os cobres esmaltados de Tanjore e de Hyderabad, e sobre o toucador as philigranas de Sindh e de Orissa, os braceletes, as pulseiras, os collares de Trichinopolis e de Cuttak, as perolas de Ceylão, as coralinas do Broach, as turquezas do Thibet, as saphiras de Colombo, as granadas de Bundelcond, os esmaltes de Rajputana! Nada disso a interessava, nada disso a surpreendia. Em passo vagaroso e subtil, aproximava-se do leito, e, ora se aconchegava ao chão, no tapete, junto ás pequeninas sandalias bordadas a ouro, e descendendo a rosas; ora saltava sobre uns cothins sobrepostos no chão, e extasiava-se na contemplação da maravilha viva que sobresahia, deslumbrante, no meio de tantas maravilhas. Como o casto pudor da donzella se não sobresahia se soubesse que, alta hora da noite, um olhar embecido e terno profanava irreverente a sua virginal nudez?

Quando pela manhã descia ao jardim, e dava a volta ao parque, tinha um companheiro constante. Juntos percorriam as ruas ensaiadas, e lisas, torneavam os lagos onde o nenuphar abria o seu primeiro sorriso matinal; assistiam aos effeitos da luz nascente sobre as folhas multiformes, sobre as flores multicolores, que transformavam n'um verdadeiro paraíso vegetal todo o vasto recinto esplendido, e parecia que os bambús fluctuantes, como grandes plumas aéreas; que as musas de largas folhas abertas em forma de parasoas; que as *cerberas* e as *plumeras* de bellas flores, grandes e brancas, pendentes como candelabros na extremidade dos rijos ramos folhudos; que os tamarindos, as palmeiras, flabelliformes, as *aroides* de folhas gigantes, a acacia esalpiha, os myrtillos, as euphorbias espinhosas, os loureiros, os fetos magnificos; que as bellas trepadeiras, como o *calamus*, as lílias, as orquídeas, as *thumbergias*, de grandes campanulas roxas; que todas essas hastes entrelaçadas, correndo para o ar como serpentes, á busca de ar e luz; que toda essa vegetação poderosa e luxuriante se vestia, todas as madrugadas, de novas galas e primores, para receber a fada, a deusa d'aquelle eden magestoso.

Mais tarde Amír costumava subir á varanda do seu *benigalou*, aberta de todos os lados, so-

bre rendilhadas columnas de teca, e d'ahi desfructava o esplendido panorama da cidade, e o moirer da enorme população de 650,000 almas, que em diversos sentidos cruzava as ruas, as praças, entrando em bazares, nas repartições publicas, nas officinas de trabalho; parando a tratar dos seus negocios, em pleno largo, em altas vozes, e nas mais diversas e variadas linguas.

Apezar de habituada, entretinha-a aquella multiforme aspecto de cidade, que aos olhos do europeu produz o effeito d'um grande carnaval phantastico, mas que, mesmo para os que não encontram n'elle estranhice, tem uma infinidade de quadros, de scenas, de episodios, dignos de serem vistos e gosados.

Como n'um cosmorama eternamente mudavel, ella via perpassar, na faina quotidiana, os mais descontraídos trajes e typos, as mais complicadas formas de cerraagens, de cavalgaduras, de meios de transporte; desde o carro ogival, puchado a *tebús*, com o toldo em forma de cupula pontegada, deixando ver entre os cortinados de seda o rosto acobreado d'uma dama hindú; desde o *landau* tirado a quatro, onde passa o governador da provincia e o *palanquin*, aos hombros de gentios, onde segue o banqueiro parsi, até o cavallo em que monta um official musulmano, ou o camello que vai carregado de provisões. Ora é a procissão vistosa de um rajá, com os seus elephantes ajasados de pedraria e ouro, e uma brilhante escolta de cypayos, de recurvos sabres reluzentes ao sol, e os ginetes arabigos, relinchando frementes; ora um cortejo nupcial com os grandes parasoas de purpura abertos no espaço, com as suas dansas de bailadeiras; o seu estralejar de foguetes que fazem revocar no azul miríades de pombos. Agora é um fakir que pede esmola; logo um domesticador de serpentes, que faz surgir de dentro de redondos cestos de vime, ao som da sua gaita magica, o collo airoso da cobra capello; mais tarde os pelotiqueiros, que em plena rua executam os mais divertidos exercicios funambulescos. E assim se vê desfilar, desde o romper da manhã, até alta hora da noite, gente da mais diversa procedencia e dos mais diversos aspectos; acotovelando-se, na grande indifferença do trabalho ou do prazer, os biahmanes de Misore, os marathas do Dekan, os neires de Calicut, os christãos de Goa, os bamiães de Dio, os drívidas de Pondichery e de Madrastra, os mouros de Hyderabad, os montanhese de Assam ou do Hymalaia, os mercadores de Benáres, o escuro *toda* ou o *irila* de Nilghiris, e o alvo e rosado europeu de todas as procedencias; o malayo, o cafee, o chinês, o americano, o judeu; todo o cosmo pittoresco emfim!

Emquanto Amír assistia, indolente e scismadora áquelle espectáculo, unico em todo universo, a ave amiga que levantára o vó até a varanda, entretinha-se, pousada no beiral do telhado, ou no cimo de uma arvore proxima, em desafiado com a sua voz roufenha as graúbas e os milhafres que passavam de alto, ou em implicar, soltando gritos mais agudos, com a cegonha que, de perna no ar costumava dormir no côcuruto do proximo minarete.

Um dia, não se vio na varanda a figura graciosa de Amír, com o busto apertado n'um *chal* de seda, e a ponta do panno bordada de ouro, graciosamente passada por sobre a cabeça, cahindo sobre o hombro direito. Escusado será dizer que tambem nesse dia se não ouviu a voz rouca e impertinente do abutre, que toda a vizinhança conhecia.

Amír adoeceu; prostrara-se no leito uma febre violentissima. No fim de oito dias todo o Bombaim chorava a morte da mais formosa e encantadora parsiña que ao sol da India brotara, como uma flor ridente e sem rival.

Eram no dia seguinte os funeraes. Envoltos n'um alvo lençol, tão alvo como a innocencia

do formoso espirito que se evolára para o azul, e estendida sobre um singelo esquite, que mãos piedosas haviam coberto de flores, uma longa fileira de amigos e parentes, todos vestidos de branco, subia por entre massigas d'arvores, á clara luz matinal, a encosta que conduz ás Torres do Silencio, acompanhando o adorado penhor. Quem reparasse sobre as suas cabeças, teria visto passar momentos antes, bem alto, na serena limpidez do espaço um vulto escuro, direito ao cume onde alvejavam os funeraes Dakhmas.

Escancarou-se o portal d'uma das torres; lá dentro, no diametro de 20 metros, abria-se ao meio uma grande fossa hante, carregada d'ossos; — aos lados, e em volta, em tres circulos do *Inferno* de Dante, nichos rasgados no sentido do raio, como esquifes naturais. Por cima da grande muralha cylindrica, aberta para o azul, revoadas immensas de aves de presa, n'um rouquejar sinistro. Os guardas do funebre recinto, envoltos na sua tunica branca, vieram á entrada receber o cadaver que, acompanhado dos Sacerdotes, e ao som da soturna melopeia que memorava as virtudes do espirito que deixava a terra, e o encomendava no selo luminoso do Grande Ser, foi collocado n'um dos nichos do circulo central.

De um jacto, dezenas de abutres e de corvos haviam avançado quasi até á cabeça dos circumstantes, retrocedendo de prompto n'uma algarazara terrível.

Quando a mão de um Sacerdote arrancou de sobre o cadaver a alvinente mortalha, apparecia estendido na terra, na sua mais pura e virginal belleza, o corpo de Amír, que a morte cobrira de uma pallidez marmorea, e que, junto a um montão de ossadas, parecia a estatua de uma virgem, talhada em porfiro, e collocada sobre o seu tumulo modesto, no desmantelamento de um cemiterio.

Callaram-se os psalms funebres; passou vagarosos regressaram até á porta.

Estranho espectáculo se desenvolveu então ao olhar dos que de longe a elle puderam ainda assistir, cheios de supersticioso terror.

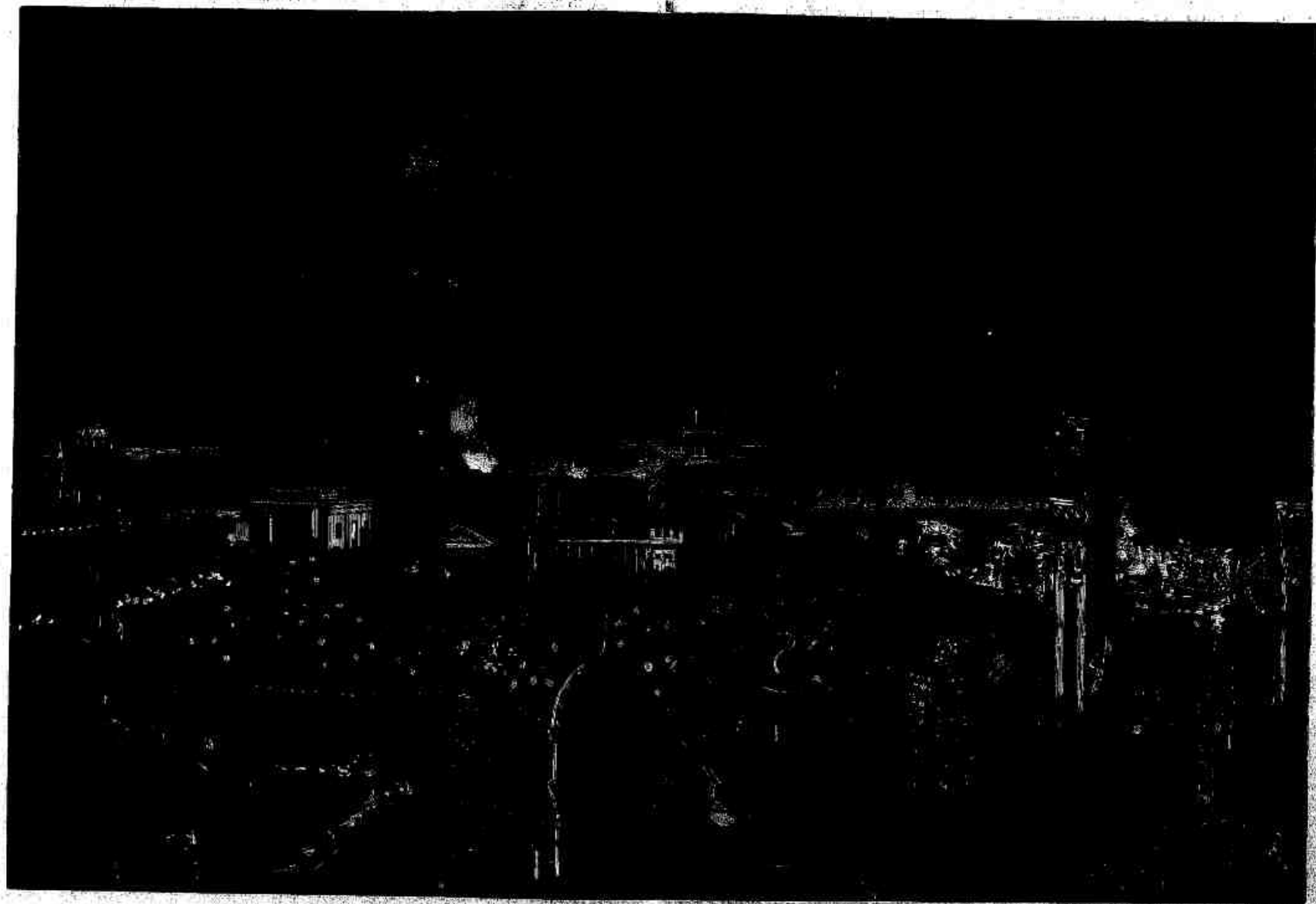
Sobre o cadaver de Amír travara-se a mais tremenda luta; — á voracidade de centenas de aves de rapina oppunha-se a energica e desesperada resistencia de um abutre. Peito contra peito, garra contra garra, respondia, com a mais resoluta e prompta acção, ás investidas de um enorme bando faminto. As rijas azas abertas eram a um tempo um sarilhão terrível, que abria em volta permanente clareira, e um escudo impenetravel que cobria, em todos os sentidos, o adorado cadaver. Quanto mais a desordenada invasão tolhia os movimentos, e embarcava a acção das investidas, maior era o triunfo do herolico defensor, que puzera já muitos fóra do combate, e guardava muitos outros em cauteloso respeito. Uma enorme nuvem escura e compacta remoinhava no espaço onde retinham os mais estridentes gritos de dor e de desespero.

Mas a luta não podia durar muito; o terrível Leonhidas sero sentia faltarem-lhe arrancadas ás bicadas dos adversarios: pelo seu lado os golpes eram menos energicos, a resistencia mais frõuxa; um tenue fio de sangue, escorrendo-lhe do peito, ia tingir o corpo alvissimo de criança, que parecia adormecida em tão profundo sono, que nem aquella immensa tormenta a conseguia despertar. Dir-se-ia até que em sonhos lhe era agradável aquella espectaculo, pois que tinha esculpido nos labios a doce contracção de um sorriso.

Ouvio-se então um grito de angustia, vio-se a heroica ave librar-se por instantes; depois, pendendo a cabeça, deixar-se cair, exausta e sem vida, sobre o corpo de Amír, estendida ao longo della, como um derradeiro abrigo, as suas pobres azas, esfarrapadas e gotejando sangue.

Só arrancando-a d'ahi, e lançando-a ao fosso,

A ILUSTRACÃO



EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE PARIS. — AS ILUMINAÇÕES DO CAMPO DE MARS E DO TROCADERO

onde iria também parar a esbargada ossada de Amir. É que as aves carnicieiras puderam entregar-se ao seu funebre repasto.

O sol glorioso, indiferente e mudo, assistia do zenith ao final da extraordinária tragédia!

CHRISTOVÃO AYRES.



AQUILLO ALÉM!

(PÁGINA D'UM ROMANCE)

PARAPHRASE DE BAUDELAIRE

Assim! Quero sentir sobre a minha cabeça
O peso d'essa noite embalsamada e espessa...
Que suave calor, que voluptua divina
As carnes me penetra e os nervos me domina!
Ah! deixa-me aspirar indefinidamente
Este aroma subtil, este perfume ardente!
Deixa-me adormecer envolto em teus cabelos!...
Quero senti-la, quero aspirar-te, sorvel-te,
E n'elles mergulhar loucamente o meu rosto,
Como quem vem de longe, e lá hevar do sul posto,
Acha a um canto da estrada uma nascença pura.
Onde mitiga ansioso a s'ida que o tortura...
Quero tel-a nas mãos, e agital-a, cantando,
Como a um lenço, pelo ar saudades espalhando...
Ah! se pudesse ver tudo o que n'elles viro!
— Meu desvairado amor! meu insano desejo!...

Tens cabelos contêm uma visão completa:
— Largas águas, movendo a superfície inquieta,
Cheia de um turbilhão de velas e de mastros,
Sob o claro-d'oceano palpante das estrelas.
Cava-se o mar rugindo, no peso dos navios
De todas as nações e todas as frotas,
Desenrolando no alto as flammulas ao vento,
E recordando o aquí do tempo firmamento,
Sob o qual há uma eternidade, uma infinita calma.

E prevê meu olhar e presente minh'alma
Longe, — onde mais profundo e mais azul, se argueia
O céu, onde ha mais luz e onde a atmosfera, cheia
De aromas, ao repouso e ao diásparo convida, —
Um paiz encantado, uma região querida,
Fresca, sorrindo ao sol, entre fructos e flores:
— Terra vasta da luz, do sonho e dos amores;
Terra que nunca vi, terra que não existe,
Mas da qual, entretanto, eu, desterrado e triste,
Sinto no coração, ralado de ansiedade,
Uma saudade eterna. Uma fatal saudade!
Minha patria ideal! Em vão extendo os braços
Para teu lado! Em vão para teu lado os passos
Moo! Em vão! Nunca mais em teu seio adorado
Poderei repousar meu corpo fatigado.
Nunca mais! nunca mais!...

Sobre a minha cabeça,
Querida! abre esta noite embalsamada e espessa!
Desdobra sobre mim os teus negros cabelos!
Quero, soffro e louco, aspirar-te, mordê-te,
E, bebendo de amor, o seu peso sentindo,
N'elles dormir envolto e ser feliz dormindo...
Ah! se pudesse ver tudo o que n'elles vejo!
Meu desvairado amor! Meu insano desejo!

OLAVO BILAC.



ANTHOLOGIA PORTUGUEZA

PRIMEIRA DOR

Tão pequenina, já sou
N'este desterro orfaninha,
Porque da terra vouo
A minha santa madrinha...

Quem para o Céu a chamou
Foi dos anjos a Rainha;
Ella era um anjo... abalou
Deixando-me aqui sózinha!

Mas não fiquei sem ninguém,
Que ainda tenho os carinhos
Da minha adorada mãe...

E por estes maus caminhos
Hade guiar-me os passinhos
Porque ella... é um anjo também!

M. DUARTE D'ALMEIDA.

N ESSA mesma manhã, um velho
foi encontrado sem acôrdo, no fundo
da escada, d'um casinholo decrepito.
Quem deu por isso foi a sr.^a Ignácia,
engomadeira do segundo andar: viu aquelle
vulto tombado, para alli ao desamparo, e foi
logo chamar a polícia. Juntou-se gente que lá
passando: os moços de padeiros, de calça
branca, depozeram logo os grandes cabazes;
algumas velhas do lenço engomado, todas secas,
de pelto concavo, grandes esgaras admirativas,
d'uma beatice paleta, comentaram o desastre
citando casos; um sacristão, de opa vermelha,
destillando rape do nariz, uma corcova histri-
ânica, tomou o pulso ao pobre homem. Muitos
diziam:

— Estás pronto! E uma parteira nervosa, de
carapuca de fitas verdes, cheia de catarro e de
birra, metia-se pelo meio dos grupos, pomposa
na sua sentença:

— Bemdito seja Deus; o que a gente é!...

O trinta e cinco da primeira esquadra, che-
gou com quatro gallegos, que carregavam uma
maca. Dois d'elles, pegaram no pobre homem,
estenderam-o no leito. Ergueram a tampa da
maca, e correndo as cortinas de oleado preto,
cebeito, deixaram-no empacotado. Depois o
embrulho foi erguido nos hombros. O trinta e
cinco, disse:

— Vamos depressa! E caminharam para o
hospital.

Era domingo, no inverno, de manhã. Se-
guiram por grandes ruas, alegres de sol. Via-se
o ar lavado pelas grandes chuvas da noite, des-
senrolar-se fresco, enorme, cheio de uma trans-
parencia lucida, por cima das casas. Acima dos
tectos pardos, esburacados de águas furtadas,
luzentes de clara-boia, as chaminés estendiam
o seu pescopo avido, curioso, como a espreitar
os horizontes distantes, em que appareciam,
n'uma delineação excêntrica, os perfis accumu-
lados de casarios, dos balcões velhos; as manchas
verdes de quintes burguezes; os coracheus
atarracados das paróchias; pedaços de rio ver-
de, inquieto, turvo das enxurradas da esta-
ção; as ruínas pardas, cheias de raízes e de
limos; o Carmo; Santa Engracia como uma
boceta velha, de amendoadas; S. Vicente cujas
torres lembram metades de bilhas encravadas
num caixote de despejos; a Sé, informe, suja,
torrada, como uma fortaleza medieval. Nos
ruas fervilhava o rumor das carruagens; as lo-
jas abertas estendiam até ás portas os seus
mosaicos de fazendas, de manteletes, de cha-
peus da moda. Nas esquinas os carruzes sobre-
postos e rotos em varios sitios, faziam a cronica
dos espectaculos da semana. Num quadro ne-
gro, á esquina, uma mulher pintada, enfiava o
gargante pela curva dum S enorme, dizendo
com o gesto, a incomparavel superioridade da
machina Singer, sobre qualquer outra. Lá e
viam os grupos de pessoas garridas, endo-
mingadas. No meio d'esta vida alegre, a maca
passou como um agouro, pelo Rocio. Do lado
do Mattos Moreira, sobre o passeio, caminhava
um formigueiro de familias elegantes, de me-
ninas esganicadas, de gordas proprietarias vaga-
rosas. As lojas de luvelo enchiam-se de fre-
guezes. Os janotas, armados de bengalões,
cheios de tédios e de azia, exhibiam no meio
da concorrência, os seus cheviotes riscados,
tendo sobre a bocca, com um til sobre um O,
os bigodes acerados, pequenos, vagamente pa-
tetos.

Sahia gente de S. Domingos, da missa do
meio dia, das ondas, que vinham espalhar-se no
largo, até á grade. As sombrinhas azues das
creadas e das adelas, remendavam a cor escura
dos fatos dos burguezes; um velho, amachu-
cado de bebedeiras, com um bonet de cavalle-
ria 5 na cabeça, um ceto ignobil aos pés, offe-
recia quentes e boas, aos garotos. Viam-se tipos
regulados de commerciantes por meudo, de
cujas pansas, escorriam sob a luz, grandes ca-
deias de relójo, gesticular com enfase, na pas-
tellaria, fallando das loucuras da governação.
E na vitrine da loja, em prato da China, mons-
tros de doce, surprehendidos, fulvos de gemma
de ovo, abriam as suas queixadas de cartona-
gem, cheias de dentes de amendoadas e de peda-
cinhos de cidra.

Entre agua de Colonia, o namoro dos aspi-
rantes serapintados, cheios de delicadezas pos-
ticias, offercia um alto tom de pelinrice, que
perturbava as creanças romanticas, enfiadas
de devaneio, ressequidas de fatalidade — á
Ponson. A maca lá já trepando a Calçada do
Garcia, cheia de sombra humida e cheiros a
sopa de massa. As altas casas, detestadas, bo-
cejantes, de menages operarios, um aspecto de
sepulchros, enchiam os rostos de tristeza e de
frio. As lojas esfareladas, deixavam sahir pa-
lestras vadias, descantes enfartados de culpa,
riscos soluçantes de famintos.

Entraram em S. José pela porta principal.
Recbeu-os um guarda-portão gigantesco, ves-
tido de azul, bouda ao tiracollo, perfil de con-
selheiro grave, importante na sua cadeira.

— E um velho que vem para o hospital, dis-
seram-lhe.

Elle apontou para o segundo pateo, um
caminho entre duas balizas de buxo, cortado á
tezoura. A esquerda, derrua vagorosamente a
igreja do velho collegio, forrada de marmores
de côres, em grandes almofadas salientes. As
pequenas janelas das enfermarias rasgavam
para ali.

Um doido, risonho, encanecido, pedia ci-
garrinhos. A maca atravessou o pateo, penetrou
uma porta larga, fizeram-a entrar á esquerda,
por uma porta de vidraça. Ah! um guarda
interrogou.

— E' um velho que vem para o hospital, res-
ponderam.

A maca pousou, tiraram-lhe a tampa; o
guarda portão curvou-se um pouco, para olhar.
O velho não tornara a si: a mesma rigida pos-
tura. A pelle milicente, revestia-lhe, repuxada
nas saliências dos molhars, a cara encovada,
dura, de um desenho cheio de angustia. Tinha
as oitaveiras negras, fundas, a palpebra flaccida,
imovel, riscada de veias arroxeadas. O fato
cangado, esfiava; havia buracos. E mal cuber-
tos pelo chapéu tombado, os cabelos brancos
sahiam, como linho em estirga.

Passava um moço cantarolando o fado.

— Chame o sr. doutor de serviço, disse-lhe o
guarda portão. Do extremo do corredor, gran-
des risadas cahiam, sobre aquella scena. Alguem
assobiava a walsa dos Sinos.

Emfim o medico chegou, de bonet de seda
preta, entre dois outros personagens.

— Como se chama o doente? fez elle.

— Achemol-o na rua cubido.

— Ha quanto tempo? — E cantarolava, dis-
traído com um charuto na bocca.

— Ha uma hora. O medico escrevia n'uma
papeleta, os dizes de convenção. E curvou-se
em seguida, sobre o pobre, esteve a examinal-o
um momento.

— Pulso, mal se sente. Ora veja, doutor. Que
definida organização! O mais alto dos outros
dois examinou.

— Descubram-lhe o peito, ordenou o doutor.
Os moços da enfermaria obedeceram. O medico
auscultava.

— Bem, tornou elle, levem-no á enfermaria
de... Ha camas vagas, Patricio?

— Ha tres, sr. doutor.

— Vamos, carreguem-no. E dirigindo-se a um dos que o acompanhavam:

— Pois meu caro, tenho a certeza de que a eleição não vai ser favorável ao governo. Trabalha-se activamente; afianço-lho. E por mais que façam, os regeneradores...

— Engana-se, engana-se completamente. E as vozes afastavam-se. No entanto, dois moços, de blusas de riscado com galões amarelos, tomaram a maca e foram levá-la à enfermaria, enquanto o trinta e cinco da primeira esperava com os gallegos. Era numa enfermaria alta, de grande pé direito, com duas filas de arcas, ao comprido. E cheirava a tudo: a carne assada, a clister e a mortos.

Na linha media do solo, dois grandes fogões aqueciam o ar; d'um lado e outro, as janelas cavadas na profunda parede permitiam entrar a luz claramente, envolver as longas fileiras de pequenos leitos de ferro, de mezas toscas de pinho pintadas de verde, com uma disposição monótona, triste, cheia de nudez. E sobre as almofadas de cada leito, as cabeças definhadas inclinavam-se, e rostos lívidos de febre, dilatados de sofrimento, olhavam estranhamente em torno, sentindo-se sós, no meio de tanta gente desconhecida.

Era a hora do almoço. Os ajudantes de enfermeiro traziam para o centro da enfermaria, grandes taboleiros providos de rações: um empregado conferia em voz baixa. Em seguida, os moços do hospital tiravam as chaves dos cuidados, começavam a distribuir, à vista das papélicas penduradas à cabeceira de cada doente. Aquella hora permitia-se a visita à enfermaria. Alguns hospitalados tinham ordem de se erguer, dar pequenos passeios de cama para cama, pelo corredor. Outros recebiam visitas, da família, de velhos parentes dedicados. Viam-se as frentes dos convalescentes, iluminadas d'um ralo alegre. Um trabalhador, arrumado a uma bengala, chorava, beijando a filha. Mais longe, um velho ossudo, tipo de veterano, fumava o seu cachimbo, sentado no leito, um capote velho de briche, o barrete branco que parecia um torrador de café, invertido. Iam e vinham, batendo as solas com ruído, um grande ar de família, de poder, os da enfermaria, de avental, arregaçados, o seu bonet de oleado. A porta, dois estudantes, cheios de abandono, barbas em desleixo, sobre casacas graves, sujas, falavam d'um caso novo de clinica. E de quando em quando, um grito irado partia do fundo da enfermaria, fulas ameaças de morte, os convalescentes riam, comentando. Era alguém que tresloucava com a febre. E ao canto, d'um leito pequeno, cahido como morto, o doente novo, jazia. O enfermeiro colava-lhe causticos na nuca, pelas pernas. Um ajudante trazia gelo, numa botella.

Chegaram mais estudantes.

— Diz-me uma coisa, ó Freitas.

— Que é? cigarros não tenho, filho.

— Ha algum cadaver no anfiteatro?

— Um diabo d'uma velha torrada. Não corre: era osso.

— Mais nada?

— Mais nada. E voltando-se para o outro:

— Sabes tu que isto vai o diabo? Não morre ninguém com geito, e eu com duas lições atrasadas! Raios partam os doentes!

Um enfermeiro antigo passava: via-se o seu perfil adunco e cruel, cortado n'uma linha sarcástica; as orelhas despegadas dos rochedos faziam como duas azas de cartilagem na ovação do cráneo; olhava com umas pupillas glaucas de covarde espasmodico, e um meio riso continuo e roxo, fazia-lhe um golpe profundo na epiderme enegelhada da cara angulosa e cinica. O enfermeiro voltou-se ouvindo a praga do Freitas. E apoz:

— Amanhã tomos carne fresca. Entrou agora.

— Sim? fez o outro. Onde está?

O enfermeiro estendeu o braço enfiado e

semi-nu, e com um dedo ignobil apontou o leito do canto:

— E' aquillo além!...

Aquillo, era o velho encontrado sem acordo pela engomadeira do segundo andar.

FIALHO D'ALMEIDA.



A TAÇA

*Tudo quanto apanhára a phantasia
N'um impeto de fogo, de repente;
Tudo o que o genio ousado, omnipotente,
Do bello eterno arrebatando, cria,*

*N'um turbilhão de brilhos, n'uma orgia
De facetas criando um sol nascente,
— Achas lavrado em ouro, em pedraria,
Na dadiva real, na taça ardente.*

*Possam teus labios finos e sequiosos
Tocar a sempre de praxeiras cheia,
Sempre da vida a transbordar a calma.*

*Nunca lhe chegue a desventura alheia
Aos espumantesinhosinhos capitosos
— A's alegrias, — o champagne da alma.*

RANDOLPHO FABRINO.

NOSTALGIA

*Eis Flora — a imperatriz, — eis vem! e, della a volta
os subditos fela preste se acurram... Hymnos!
uma estranha fantasia entra, em frente a escolta
de mil eucos, a nu os curvos e gladios finos...*

*Ein turbillon a cor, o brilho e o som, de envolta!
Escorrem de perfume os ares crystallinos...
O sol o trigo argenteo do poente, inclina e volta;
abrem nange no espaço os vaos resplendinos...*

*E Flora, triumphal, ao largo passa, em meio
das rubras coqueas, cujo clangor em cheio
se avremeta no espaço e vai os seus carando...*

*E a flor de Nazareth, ouvindo o som fremente,
do alto fitando a terra, enabla-se, alente,
e piva o doce olhar, nostalgica, acimando...*

MANUEL DE MOURA.



A REVISTA DAS REVISTAS

O CURSO SUPERIOR DAS LETRAS

ENCONTAMOS no nosso prezado collega, o Seculo de Lisboa, o seguinte curiosissimo artigo do nosso director Mariano Pina, acerca da nova reforma do Curso Superior de Letras:

Com o mesmo assombro com que as mulheres ba mezes liam nos jornaes as noticias das proezas londrinas de Jack, o estripador, — li eu nos jornaes que me chegaram de Lisboa a noticia da nova reforma do Curso superior de letras.

Segundo me affirmo o meu honrado Diario de Noticias, o sr. Ministro do Reino já apresentou ao parlamento o seu plano de reorganização do curso, que para o futuro se ficará chamando — Escola Superior de historia, philosophia e letras... E as cadeiras de que essa escola se ha de compôr, serão doze, e saber:

- 1.ª Geographia e ethnologia geral;
- 2.ª Estudo elementar de Sânskrito e grammatica comparada;
- 3.ª Lingua e litteratura grega;
- 4.ª Lingua e litteratura latina;
- 5.ª Lingua e litteraturas românicas, especialmente linguas: o litteraturas portugueza e franceza.
- 6.ª Lingua e litteraturas germanicas, especialmente linguas: o litteraturas allemã e ingleza;
- 7.ª Historia antiga do Oriente e historia dos gregos e dos romanos.
- 8.ª Historia da idade media e moderna;
- 9.ª Historia patria;
- 10.ª Philosophia geral;
- 11.ª Psychologia e sciencia da educação;

12.ª Philosophia da historia.

Leram tudo?... Leram bem?... Queiram agora ler a bondade do reter, como eu reii, uma, duas e tres vezes, esta nova reorganização do curso, e digam-me se não ha de ser tão inuili e tão prejudicial, aparto duas ou tres cadeiras, a Escola futura, como era o Curso que o sr. Ministro acaba de transformar...

Do transformar, para quê?... Para fazer professores?... De que serve então a Universidade de Coimbra: Para fazer burocratas?... Onde estão então, n'essas doze cadeiras, as cadeiras de organização e materia administrativa; de systema financeiro dos diferentes Estados; de estatistica, ou de economia politica...

Para fazer diplomatas?... Onde estão então as cadeiras da historia diplomatica; do direito das gentes; do direito internacional convencional; de legislação commercial e maritima comparada; ou de direito constitucional...

Para fazer archivistas e conservadores de bibliothecas?... Então já algum viu reorganizar uma escola, dando-lhe um titulo pomposo, para preparar alumnos para uma carreira que não dispõe d'uma totalidade de cincoenta lugares?... Quantas bibliothecas tem o meu país?... Quantos archivistas e conservadores conta?... não em Portugal?... ..

Para fazer socos correspondentes da Academia Real das Sciencias de Lisboa?... Para isso basta que os candidatos tenham salido reprovados em exam de instrução primaria...

..

Para que vão então servir a nova reorganização a mais as doze cadeiras do Curso superior de letras?... Para fazer pedantes?... ..

Falla-se todos os dias na nossa decadencia social; os jornaes lamentam-se; lamentam-se os pensadores, lamentam-se os legisladores, lamentam-se até os ministros; toda a gente finge que se lamenta da decadencia social a que chegámos... E ninguém tem a coragem ou a sinceridade bastante para dizer que essa decadencia a devemos unica e simplesmente a todos os homens que tem passado pelo ministerio do Reino, porque só tiverem filhos e ovidos para planos de batalhas eleitoraes, sem se importarem absolutamente nada com a instrução em Portugal...

Todos?... Não ha um só ex ministro do Reino que não seja responsável d'essa decadencia social a que chegámos!

Dos estabelecimentos d'instrução que ha hoje em Portugal (se excluímos apenas as escolas de medicina) não se por anno um unico homem homem livre! Toda a organização escolar e universitaria está feita de modo a tornar dependente da protecção e da caridade do Estado o individuo que tiver concluido um curso qualquer... E como o Estado são os ministros, os ministros conquistam pela fome, acenando do Terreiro do Paço com um lugar de amanuense, a todos quantos, sahidos dos cursos superiores, podiam ser uteis ao seu país.

Só o Estado em Portugal pôde ter loja aberta e privilegio de venda d'instrução. Quer dizer: é o Estado que se arriga o direito de ministrar a todos os portuguezes os elementos de instrução indispensaveis para cada portuguez viver. E o que succede?... E que se o quizesse viver dos elementos d'instrução que recebi, e que meus paes pagaram bem caro, durante sete annos, no lyceu nacional de Lisboa, ha muito que eu seria morrido ha fome, ou a muito que eu estaria apodrecendo, de manga de alpac, no fundo d'uma cellula do Terreiro do Paço...

A mocidade portugueza, apenas entra para os lycéus, começa logo a olhar para o Estado, que é a pessoa inviolavel e caridosa que faz viver toda a gente com as suas emolumentos. Os lycéus e Coimbra são forjões amanuenses. E o exercito é aldea em Portugal uma variante da burocracia. A palavra aforres passou a ser synonymo de amanuense; e um director geral entre nós serve para tanto como um general!... O militarismo é um modo de vida, um arranjo, pela simples razão de que no militarismo não ha nem trabalho, nem responsabilidades, nem disciplina, nem riscos.

Emquanto em Portugal as peças d'artilheria só servem para tiro de polvora secca, bem vai a coisa... Mas que seja ámanhã preciso fazer uma grande expedição militar a Africa, para garantir o que por lá temos ao abandono — quantos militares decididos e educados háo de apreciar?... ..

..

Se excluímos as escolas de medicina e a escola naval — de todas as outras escolas superiores só são amanuenses, mais ou menos disfarçados com os titulos pomposos de aforres, engenheiros, advogados, conductores d'obras publicas, etc., etc...

Nestas circumstancias o Curso Superior devia ser em Lisboa, não a nova inutilidade que vai ser — mas a unica escola do país onde se desse uma educação intelligente, moderna e pratica, á mocidade portugueza.

A nossa burocracia, que é ignorantisima, devia ali encontrar o germem da sua reforma. Todos os burocratas que pretendessem seguir a carreira burocratica, deviam ali seguir um curso de organização e materia administrativa; de systema financeiro dos diferentes Estados; de estatistica, de economia politica; de direito constitucional; de historia parlamentar e legislativa; de



AS BODAS DE PRATA DO CONDE E DA CONDESSA DE PARIS. — ASPECTO DE SOMBRE-NÓITE DO GARDEN-PARTY EM 30 DE MAIO.



EXPOSIÇÃO DE PARIS. — ÍNDIAS NEERLANDEZAS. — DANÇARINAS DA ILHA DE JAVA.

direito internacional; do rendimento publico e dos impostos, etc...

O nosso paiz vive hoje politicamente, e face da Europa, da sua tradiçao e importancia colonias. Ora em vez das nossas colonias serem o ultimo recurso dos invencidos das lutas internas, devia-se tratar de mandar para lá funcionarios illustres, habilitados d'um Curso Superior, onde tivessem estudado a geographia economica e a geographia politica; os diversos systemas colonias; a historia das relações dos Estados europeus com a Africa e o Oriente-occidental; finalmente, tudo quanto os habilitasse a comprehenderem que coisa é realmente uma colonia, e para que é que a grandeza ou a decadencia futura de Portugal está unicamente dependente dos seus dominios na Africa e no Oriente-occidental...

Mas em vez d'isto, que e porque todos aspiram; em vez d'uma educaçao, livre de todas as immundicias da tradiçao classica; em vez d'uma educaçao que possa abrir horizontes a mobilidade portugueza, mostrando-lhe o caminho da vida, e o modo como o homem pode ser independente, graças a educaçao que recebeu; em vez d'uma educaçao decente e honesta, ministrada no centro d'esse capital que tem a pretensão de se julgar perfeito; — vamos novamente cultivar n'uma especie de inaniçao Mitras; vamos de novo fabricar pedantes; vamos obrigar a mobilidade a traduzir cantos de Homero, ou brevidades de discursos de Deostotomus; ou então a defender theses idiosas, onde se pretenda provar que foi mais em ayudo e mais sãmente, se Plauto, se Terencião, etc...

Li, contra este conceitismo, contra esta rotina, contra esta vergonha, que não todos os que animos a nossa terra nos devemos revoltar!

O militarismo e a burocracia temo demoralisado e inutilisado gerações successivas de portuguezes.

Quantos se não declaram quantos, mas quanto sem trageira, a todos os conselhos superi, res ou inferiores de instrucção publica, li rotina dos lyceus e do Curso Superior de Lettres, a villada da Universidade de Coimbra, a todos e a todos quilibet direito ou indirectamente na instrucção superior, não nunca poderemos servir e dominar esta decadencia que nos opprime, e que nos avilta aos olhos da Europa!

O nosso unico e o nosso grande inimigo — é essa falsa e nojenta instrucção, que o Estado nos vende... por burla de cheiro!...

MARIANO PINA.

TSARINE PO DE ARROZ RUSSO
Adicionado, Sauter, Integral
Preparado pelo VIOLET
220, Rue des Italiens, PARIS

A TRAFEGADA DOS VINHOS

Esta operação vinícola é das mais importantes para a boa conservação dos vinhos, principalmente depois dos meses de inverno.

O frio exerce uma influencia especial sobre os vinhos; a cada lha accrescenta nem tira, mas modifica-lhes as condições do meio em que se encontram as substancias estranhas que contêm, permitindo, por tanto, que se forme um juizo mais seguro sobre elles. O vinho novo contém muitas materias em suspensão que, por effeito do repouso e da baixa temperatura, formam borras ou sedimentos que caem no fundo das pipas. Constituidas por materias azotadas, albuminosas, fermentes e germes nocivos, essas borras condensam-se sob a influencia do frio, tornam-se mais espessas, e são precipitadas, arrastando consigo todas aquellas materias diversamente prejudiciaes. O vinho assim despojado, torna-se limpo e claro.

E conservur-se-lhe sempre n'esse estado se a primavera e o verão não succedessam ao inverno. Com o calor, essas borras põem-se em movimento, perdem a coesão e deixam subit a massa do vinho esses fermentos nocivos que, anteriormente haviam atrahido, e que depressa se desenvolvem e alteram o vinho.

As trafegas são o unico meio de obstar a tão grave inconveniente.

Procede-se da seguinte forma:

1.º Por meio d'uma torneira collocada na parte inferior do tonel, passa-se o liquido para bacias, e dahi trafega-se a cantaros para outro tonel por um funil pouco no orificio do batoque.

2.º Por meio de syphons introduzindo um dos braços no tonel, que tem de ser trafegado, a alguns centímetros acima do nivel das borras, enquanto o braço mais comprido lança o liquido na vasilha para que elle tem de passar.

3.º Por meio de bombas aspirantes e prementes, ou de rotação, com um tubo de couro ou de caoutchouc.

O primeiro systema é defeituoso, por ficar o vi-

nho em contacto muito directo com o ar ambiente que pôde introduzir n'elle germes de doenças ou, pelo seu oxigenio, dar novo vigor aos fermentos.

Tornam-se preferiveis os outros dois systemas. O vinho fica preservado durante a trafega e não corre o risco de alterar-se mais tarde.

Qualquer que seja o processo adoptado para as trafegas, é indispensavel a maxima limpeza, sendo lavados com o maior cuidado todos os utensilios de que se faça uso.

As bombas, tubos, syphons e bacias devem ser lavados com agua a ferver para que desapareçam completamente todos as impurezas que tenha adherido a esses utensilios. Os tonéis devem achear-se igualmente em perfeito estado de conservação e limpeza.

Importa suspender o trabalho logo que se manifeste a mais leve alteraçao na limpidez do vinho, para evitar que se introduza no tonel a minima porção de borra. Convém fazer sempre este trabalho em tempo secco e com vento norte poque, em taes condições, sendo mais elevado a pressão atmospherica, a borra está mais densa e tem, por isso, menos facilidade em subir e misturar-se com o liquido. Este nunca deve ser agitado, como igualmente convém mover as bombas com todo o vagar e cuidado; o contrario daria lugar a grandes agitações do liquido que necessariamente o perturbariam.

A utilidade das trafegas é reconhecida por todos os viticultores, que d'ellas esperam sempre bons resultados; alguns porém, entendem que o vinho, sobre essas borras, ganha vida e cor, o que é um erro. O vinho não adquire mais cor com trafega, mas pôde também affirmar-se que não a perde depois d'essa operação, enquanto que, permanecendo sobre as borras, ha de perdela d'arbitrario a ponto de apresentar uma differença notavel a par d'aquelle que foi convenientemente tratado.

Os vinhos trafegados tem sempre mais procura.

OS COSSACOS NA VOLGA

Os cossacos, actualmente, o paladizo da Inglaterra, começaram a ser temidos na Europa desde as campanhas de Napoleão I na Russia, e desde que invadiram a França ás ordens do czar Alexandre.

Este povo singular habita as regiões do imperio russo confinantes com os dominios septentrionaes da Turquia, Polonia e Lituania e com o meio-dia da Sibéria. A sua origem é obscura, tão obscura como a etymologia do nome por que são conhecidos. Segundo alguns, deriva da palavra tatarica *kassaks*, que significa cavalheiros mercaderes, armados a ligeiro; quanto a sua origem, parece que provém da raça russa misturada com tataros, hebreus e ciganos, de que não deixam a memor d'euila a sua linguagem e praticas religiosas. A base do seu dialecto é o russo, porém corrompido nos termos militares com palavras turcas e nos ferecos com palavras polacas.

Pelo recado do século decimo-quinto os cossacos, conhecidos já pelas suas proezas militares, não tinham governo regular; nas occasiões urgentes nomeavam um commandante, cuja auctoridade cessava com as circumstancias, que o tinham feito eleger. No principio do século immediato, um rei o de inferior condição mas de tremendo valor fundou entre essas tribus rústicas, um especie de república militar regida por chefes electivos. Por esse tempo ainda não tinham a denominação de cossacos, e eram confundidos com os circassianos. A historia só faz menção d'elles com este nome em 1516, quando tomaram parte activa nos negocios da Polonia. Para o demão passaram-se debaixo da protecção dos monarchas d'este reino, que os organisaram a corpos regulares, e n'estes intervallos fundaram colonias nas paizes que hoje occupam. Alternativamente se submettem a Russia, a Suécia, e ao Kan da Crimeia, conforme os motivos de guerra que tinham contra seus amos, e d'aqui se originaram escaramuzas, guerras e emigrações, sendo das ultimas a mais notável a que fundou as tribus, chamadas hoje de Esquimo. Por hum sujeitarem-se a Russia, que lhes concedeu a fruição pacifica das localidades onde residiam, e os isenta de tributos, mediante a obrigação de fornecerem certos contingentes para o exercito.

PRINCÍPIO DA VIDA

O problema de principio da vida é de ordinario resolvido segundo a opinião que se adopta na ques-

tião da geragão espontanea. Esta maneira de proceder é meio exacta; os partidarios d'esta doutrina, não menos que os seus adversarios, não chegaram ainda a resultados conclusivos, e as experiencias mais delicadas nada tem decidido, quer se opere com materias organicas, quer com elementos que não haviam feito parte ainda de moleculas organicas. Não se tem demonstrado nem a possibilidade, nem a impossibilidade da geragão espontanea; quem duvidar d'ella tem sempre motivos para isso suficientes. Se nada se vê crescer, a causa do mau resultado é imputavel ás proprias condições da experiencia; no caso contrario, é que os germes, apesar de todas as precauções observadas, tem penetrado na infusão.

A opinião que se tem d'uma criação original, que duraria, ainda não passa d'um caso particular, que cada um decide, conforme as suas vistas geraes sobre o todo da natureza.

Para todo aquelle que sustenta a opinião, — que o animal não directamente sair do inanimado, sem intermédio de antepassados, a origem da vida por esta via natural não soffre difficuldade alguma; não convieria provar, o que nunca se fez, que, nos nossos dias, não ha criação original, e sem razão se concluiu que nunca a houve.

Logo que o nosso planeta chegou ao grau do seu desenvolvimento, em que a temperatura da superficie permitia a condensação da agua e a existencia de materias albuminoides, a quantidade e a relação dos elementos da atmosphera não eram as mesmas que hoje. Mil causas que nos escapam e de que seria inútil profundizar a natureza hypothetica, podiam provocar a formação do protoplasma, este organismo primitivo e decidir a aggregação dos átomos que o constituem.

É partito impossivel igualmente demonstrar por factos o começo subito da vida; mas a hypothese da appareição da vida por via natural n'uma epocha determinada do seu desenvolvimento, é uma necessidade logica, longe de ser o ponto fraco da theoria da descendencia.

E citando o nome de um homem, Alfredo Russel Wallace, que certamente não está a altura de Darwin, mas que teve a gloria de descobrir, independentemente d'aquelle, a lei de selecção natural, e, logo que Darwin fez apparecer o seu trabalho fundamental, confirmou a theoria da selecção por um grande numero de observações pessoais.

N'uma memoria publicada em 1845 demonstrou que a flora e a fauna dependem da situação geographica e da constituição geologica do terreno, em que ellas se desenvolvem; elle fez ver que entre as relações, ligam, no tempo e nas especies actuaes com as especies extinctas.

Nem segundo trabalho, que trata da tendencia que manifestam as variedades em se affastar do typo original que é datado de 1858, encontram-se alguns desenvolvimentos sobre a importancia do contributo pela existencia (*the struggle for existence*), as consequencias da adaptação e selecção dos caracteres mais uteis, e a substituição das especies anteriores pelas variedades mais perfeitas que se fixaram.

O GATO

Este elegante animal é oriundo do antigo Egypto, onde era venerado como um deus e considerado (esthetica extravagante!) como o ideal da belleza feminina. Os egypcios dedicavam aos filhos o gato, como nos costumes consagrados a Virgem. Naquelle paiz quem matava um d'estes animaes sagrados era immediatamente lynchado, como dizem os americanos. Os gregos e os romanos só muito tarde conheceram o gato, pelo aenos como animal domestico. Mais tarde, durante a noite da idade media, o gato conquistou na Europa uma reputação mysteriosa e demonica.

E logo a lista dos amigos dogatto, desde o divino Petrarca até Clovis Hugues. É isto nada tem de extraordinario logo que se considere que os felinos são os animaes melhor dotados pela natureza para viverem na companhia do homem.

Dotado de um sentido de uma admiravel acuidade, que lhes permite orientarem-se e achar facilmente o seu caminho, os gatos tem, apesar do que dizem os seus calumniadores, insimulor meigas e acariciadores, junto a um espirito astucioso e maligno por excellencia. Graciosos nos seus movimentos e susceptiveis de serem educados, apresentam a particularidade, nem na especie animal, de terem um certo gozo pela musica. Esta organização musical, accrescenta maliciosamente Perche-

